

A RAZÃO



Orgão do Partido Republicano Português

DIRETOR POLITICO—Manuel Tavares Paulada
Secretario da Redação—José Joaquim Gregorio
 Não serão restituidos os autógrafos embora não publicados
ASSINATURAS—(Pagamento adiantado) Ano, 1\$; semestre, \$50.
 Para fóra: Ano, 1\$20; semestre, \$60; avulso, \$02.
PUBLICAÇÕES—Anúncios, \$06 a linha; permanentes, contrato especial. Comunicados, \$08 a linha.

PUBLICAÇÃO SEMANAL
 Propriedade do
CENTRO REPUBLICANO DEMOCRATICO
 ALDEGALEGA

ADMINISTRADOR—Joaquim Maria Gregorio
 Editor—Joaquim Maria Gregorio
 Endereço telegráfico—**Razão**—Aldealega
 A correspondencia deve ser dirigida ao diretor.
 Redação e Administração—A. A. José d'Almeida—Aldealega
 Composição e impressão, rua Almirante Candido dos Reis,
 126, 2.º—Aldealega

Nota semanal

Completou na passada segunda-feira dezoito anos da sua existencia «O Mundo». Falar no «Mundo» é falar na Republica. Toda a sua vida, antes como depois de Cinco de Outubro, é a vida da Republica. No «Mundo» só se respira e sente democracia. E a nossa Republica sem democracia não póde subsistir. A pleiade de jornalistas que dirige a obra do grande baluarte democratico, concretisa as aspirações liberais do povo português, sempre sedento de liberdade e amante de justiça. «O Mundo» é absolutamente indispensavel dentro do regime republicano. Ler o «Mundo» é consultar-se a nossa biblia. Em toda a parte a chegada do valente diario é saudada com prazer. «O Mundo» é o nosso barometro politico. Dia a dia o consulta anciosamente todo o povo republicano. O espirito de França Borges fulgura intensamente nas paginas do campeão da democracia portuguesa. E o espirito de França Borges era o sentir da alma nacional. Modestos obreiros da Republica não podemos, pelo que sentimos e deixámos dito, deixar de saudar o intemerato órgão da imprensa diaria. Tem sido perseguido, vexado e prejudicado. Todos os seus desgostos, todos os seus vexames e prejuizos o povo português os tem sentido e sofrido em comum com o «Mundo». Aos martirios de que tem sido alvo responde o povo com a sua simpatia.

Todos os dedicados e sinceros republicanos prestam nesta hora a sua completa solidariedade ao valente campeão democratico. E «O Mundo» hade viver forte, livre, com o auxilio do povo republicano. Doutra, não necessita. A sua vida está intimamente ligada á vida da Republica e a desta á sua.

Por isso mesmo o povo o não deixará morrer. Quantas mais violencias sofrer tanto mais forte se sentirá. O martirio renova a fé e fortalece o espirito.

O dezembrismo procurou destrui-lo e «O Mundo» resur-

giu mais valente. Se o reduzirem a cinzas mesmo assim reviverá, como a Fenix da lenda, mais puro ainda e immaculado na sua doutrinação republicana.

R. G.

Isto é que é verdade

Resolvi de novo, dar mais algumas explicações sobre o caso para quem que veja com imparcialidade, fazer-me justiça, sem vinganças pessoais nem ódios politicos, vindo assim de que lado está a razão.

A «Evolução» transcreveu no passado domingo, (fazendo d'isso um grande cavallo de batalha) um simples bilhete que eu mandei ao Sr. Florentino, socio da casa Sanchez & Hermanos.

De tal coisa já eu não estava lembrado, mas ainda mesmo assim a «Evolução», julgando que me desmente vem, antes pelo contrario, afirmar a verdade do que já aqui, n'este jornal, eu disse. O bilhete em questão póde ser muito bem verdade, porém este foi já depois de eu ter falado com o Sr. Florentino, e quem que é patricio do Sr. Florentino, e até amigo, me dizer que ele, querendo ainda, me podia dispensar mais algum azeite porque ainda tinha um bocado. Em vistas d'isso, (coisa muito natural) mandei esse bilhete, e a recomendação de que sendo preciso mandaria a bilha dentro d'um sacco, e se tal fiz foi em vista da primeira recomendação que n'esse sentido o Sr. Florentino me fez.

A verdade triunfa sempre, e esperemos que este senhor venha, pois julgo que estará bem lembrado do que se passou entre mim e ele, e então a «Evolução» mais uma vez se convencerá que não alcançou a vitória. Na data que o bilhete marca, é já pouco mais ou menos ha um mez, e eu não fiz afirmações de tempo, disse apenas ha dois mezes pouco mais ou menos.

Enquanto ao preço do assucar confirmo o que disse no último numero e desafio seja quem fôr, a provar ser verdade que eu tivesse vendido a quem assucar a 1\$20. É calunia, é

BANDA DEMOCRATICA

Em virtude da falta de número não poudo realizar-se na segunda-feira ultima a sessão magna dos socios desta banda. Por este motivo ficou a reunião transferida para hoje, pelas 22 horas, com qualquer numero, sendo a ordem da sessão o seguinte: Eleição dos corpos gerentes e apresentação de contas.

O Presidente da Assembleia Geral,
 Manuel Paulino Gomes.

mentira que não péga, pois venha quem quizer dizer com verdade que eu tivesse vendido a quem assucar a 15 centavos a quarta, provem que isso é verdade, se alguém os ataca na «Razão» defendam-se, respondam com dados positivos, e não inventem calúnias contra o diretor da mesma.

Isto é que é verdade.

Manuel Tavares Paulada.

CARTEIRA ELEGANTE

Aniversarios

Fazem anos:

Amanhã os srs. Antonio Tavares Marques e Hamlet Rosa Carneiro, nosos dedicados correligionarios.

—Na segunda feira o nosso presado amigo Antonio Filipe Barata.

—Na terça-feira o nosso dedicado amigo e correligionario Antonio Cristiano Saloio.

—Na quarta-feira a sr.ª D. Armin da Conceição Pereira Moutinho. As nossas felicitações.

Monte-pio Conceição

Continuamos hoje aqui, conforme temos vindo continuarmos todas as vezes, quantas sejam precisas, a dizer a quantos nos lêem que esta velha Associação esteve durante alguns anos, entregue a autenticos «gibirús» que só pensavam em a explorar até a levarem á ruina de forma que nunca mais se podesse levantar.

Mas ainda a tempo, alguns

socios com a consciencia limpa de máculas tentaram por várias formas sustar o que pouco depois se viu e que até agora a tem retido fechada, impossibilitada de prestar os socorros aos seus infelizes velhos que há dezenas de anos a vinham sustentando com a sua quota.

Mas ultimamente, como ao viandante descuidado que em qualquer estrada é assaltado por qualquer Zé do Telhado, João Brandão ou mesmo Diogo Alves, esta prestimosa Associação, foi tambem vitima deste processo de ganhar a vida, por «uma troupe de trez illustres varões», que, naturalmente se julgarão homens serios, e que até á ultima a depenaram.

Temos dito isto inumeras vezes e quer-nos parecer que não teriamos este trabalho se a direcção se compenetrasse dos seus deveres e fizesse entrar na ordem os cavalheiros que a estavam afundando, visto que algumas vezes n'este jornal alguém, que não sabemos quem é, e que para o caso não é questão, chamou a sua atenção e não fizeram caso. Por último tambem chamaram a atenção das autoridades competentes que da mesma fórma dormiram. O desastre não se daria e agora os bilontras sem criterio se estão rindo e o Monte-pio até á data continúa, como nos afirmam, sem ser reembolçado da importancia aproximadamente de 500 escudos com que o farmaceutico se abotou e que agora dá a desculpa de que ninguem lhe pedia contas, por isso levava o dinheiro para casa.

E agora que sabe que o dinheiro é do Monte-pio, e que por suas proprias mãos confeccionou perante a comissão que foi nomeada, as contas que desde 1915 não eram passadas aos livros, porque não entrega conforme lhe tem sido pedido oficialmente?

Então não era mais bonito fazer o que acima dizemos do que assinar comunicados nos jornaes, que depois se viu serem falsos?

Não era mais bonito as contas do Monte-pio serem o que deviam ser, e não o que fize-

ram de combinação com o seu cúmplice «Gadelhudo»?

Parece-nos que sim!

E para cúmulo, na mesma ocasião em que S. Ex.^a dava estas provas, era feito administrador d'este concelho!!!...

E não chuveu mós de moinho sem buracos!

Temos pena, com franqueza, de tudo isto, pois que ele é bom rapaz, mas o «rafeiro gadelhudo» que ao alto vive, conforme dissemos burlando toda a gente, como succedeu ao quinteto do Theatro, ia também levando no «conto» S. Ex.^a que tinha como seu guarda-joias o Soares.

Não sabem quem é o Soares?

Brevemente diremos quem é o Soares.

Rivera.

Écos e Notícias

Bradar no deserto

Ha tres semanas que pedimos providencias para um montão de entulho que se ostenta na Praça da Republica tendo-as também pedid' o nosso presado colega «O Domingo» no seu último numero mas, até hoje... quartel general em Abrantes.

Mas, afinal, não ha autoridades nesta terra que obriguem a remover aquilo ou estão de proposito a fazer ouvidos de mercador?...

Falaremos, se o abuso continuar.

Financeiros de «O Elvense»

«Dizem que o decreto restringindo a alimentação não tem sido publicado por não ter havido quem forneça elementos concretos que habilitem o ministro a fazer obra de geito. Ora bolas! Não é desculpa. O governo chame qualquer chefe de familia com seis filhos e cinco tostões de ordenado, e verá como ele lhe ensina—por experiencia propria—como se pode viver comendo pouco. Na classe média, que é hoje a que mais sofre, é que devem buscar os verdadeiros financeiros. Com o estomago cheio de presunto e bons doces, não se avalia a miseria dos outros.»

Inteiramente d'acordo com o colega.

José do Vale

Na semana passada deu nos o prazer da sua companhia durante dois dias o nosso dedicadissimo amigo e illustre director de «O Mundo» José do Vale. Ao saberem da estada aqui daquelle presado republicano os nossos correligionarios que do facto tiveram conhecimento foram cumprimenta-lo, sendo na quinta-feira dado em sua honra um jantar, no Hotel Republica, ao qual assistiram entre outras pessoas o sr. João Isaias Batista Diniz que a acompanhava o visitante, Dr. Manuel Paulino Gomes, Joaquim Maria Gregorio, João Soares, Diogo Tavares, Luciano Fortunato da Costa, Hamlet Rosa Carneiro, José Augusto Saloio e José Gomes da Costa' Lopes. Ao champagne foram feitos varios brindes do Dr. Paulino Gomes a José do Vale, ao «Mundo», ao exercito, á armada e a João Carlos Marques, de Batista Diniz a todos os republicanos, de José do Vale ao povo republicano de Aldegalega, de Joaquim Maria Gregorio e de José Augusto Saloio a todos os correligionarios perseguidos.

José do Vale saiu desta vila no comboio das 16 e 45, tendo visitado a freguezia de Sarrilhos Grandes e o Centro Republicano Democratico de Aldegalega.

Por toda a parte...

Pessoa amiga chegada ha dias de Montemor-o-Novo informa nos que o sub chefe fiscal dos impostos neste concelho sr. Pedro Teodorico Lino Goes que se encontra atualmente fazendo serviço naquela vila alemtejana, tem ali sido alvo de mesquinhas vinganças por parte da talassaria rica a qual já por trez vezes intenta na sua sahida daquele concelho simplesmente por esse haver cumprido strictamente o seu dever, no desempenho do seu cargo oficial.

Parece que os «azues grandes» de Montemor-o-Novo, designação que ali dão aos talassas endinheirados, estavam *patrioticamente* acostumados, mercê da protecção dum veneravel ancião que já dali sahio e que era muito temente a Deus, nunca faltando á missa, a pagarem muito pouco ou mesmo nada ao Estado, e d'ahi o irem aos arames quando o sub chefe fiscal Goes os meteu na ordem obrigando-os a pagarem á Fazenda Nacional aquilo que de justiça deviam pagar. Esse o motivo de perseguição que lhe moveram chegando ao extremo de procurarem, por trez vezes, fazê lo sahir daquele concelho.

Mas que republica, afinal, é esta em que só são presos e deportados os republicanos e perseguidos os funcionarios que cumprem os seus deveres deixando se á vontade os monarchicos e porventura muito seguros nos seus logares os funcionarios que prevaricam?! Vê-se que por Montemor-o Novo, como por quasi toda a parte, os monarchicos não cançam no seu odio aos republicanos e a todos aqueles que não se submetem ao seu *caciquismo* mas resta-nos a consolação de que não ha mal que sempre dure e de que algum dia isto ha de acabar.

Olá, se acaba!...

Celeiro municipal

Consta-nos que alguns agricultores não receberam ainda o dinheiro dos cereais que venderam ao celeiro municipal, ha já tempo bastante, parece que por haver desacordo na questão dos preços entre o presidente do mesmo celeiro sr. Izidoro Maria d'Oliveira e o respectivo tesoureiro sr. Francisco Maria Rodrigues Cardoso. Não compreendemos a razão desse desacordo mas desde que ele de facto existe, como nos garantiu ha dias um desses agricultores afirmando nos que tem andado de Herodes para Pilatos e vice versa sem conseguirem receber o seu dinheiro, porque é que os senhores presidente e tesoureiro do celeiro municipal não se *consertam*, de qualquer maneira, e resolvem pagar immediatamente a esses agricultores a importancia dos cereais que venderam e que lhes está fazendo tanta falta?!

Ah! que se fossem os democraticos que estivessem a dirigir o celeiro, e esse facto se produzisse, o que por ahi não iria já! Mas está a gente rica e competente, e portanto tudo caminha admiravelmente.

Não é verdade, seu Vigilante?

Indultos e Perdões

O «Diario do Governo» de segunda-feira passada publicou um decreto que comuta na terça parte as penas em que nesta comarca foram condenados os réus Olimpio José e Joaquim Marques Contramestre.

Passem sem eles!...

E' por toda a parte a mesma coisa. O nosso presadissimo colega de Coimbra, «O Radical», diz, em fundo, que o presidente da Comissão Administrativa do Municipio daquela cidade, tendo sido interpelado pelos delegados da Associação Commercial conimbricense acerca da falta de géneros, den em resposta unica: «Passem sem eles!...»

E' fantastico!... E' fantastico, não pelo que presenciámos desde o aparecimento do dezembrismo, mas pela fal-

ta de humanitarismo e de senso que manifesta. O edil coimbrão teve, no entanto, o cuidado de dizer: «Passem sem eles!...» Ele, contudo, não pasará sem eles porque terá o cuidado de se prevenir para as faltas e como o célebre presidente todos os amigos e ahiados.

O serviço dos correios e telegrafos.

Ha muito tempo que a imprensa diaria de Lisboa se tem vindo referindo á fórma como estão sendo desempenhados os serviços dos correios e telegrafos. Também nós aqui temos presente um telegrama expedido do Rocio (Lisboa) ás 14 horas e cincoenta e cinco minutos do dia dezasseis do corrente e foi entregue nesta vila ao destinatário depois das 24 horas do mesmo dia. Resultado: o serviço ordenado no telegrama devia ter chegado ao seu destino ainda antes do telegrama ter sido entregue. Registamos já que não merece a pena reclamar.

Falam os numeros

São do «Primeiro de Janeiro», jornal afecto á situação dezembrista e portanto insuspeito, os seguintes e elucidativos numeros:

Circulação fiduciaria:

1916—15 de nov.^o, 132:900 contos.
1917—27 de junho, 152:000 contos.
1917—5 de dezembro, 178:000 contos.
1918—26 de junho, 223:000 contos.

Do 5 de Dezembro a 26 de Junho—em 6 meses, a circulação fiduciaria aumentou tanto como de 15 de Novembro de 1916 a 5 de Dezembro de 1917—isto é em maio de um ano e com as despezs das expedições militares e da compra de munições.

Que nos dizem a isto os evolucionistas—sidonistas cá do burgo?!...

Isto é repugnante!

Não nos enganamos quando ha dias dissemos num dos nossos ultimos artigos que a «Evolução», tem por hábito uzar de vocabulos ordinarissimos quando pretende atacar quem diga verdades, e que lhe não é afeto. Na verdade quem se prezar de conhecer o que é civilização, e leia com imparcialidade os porcos escritos da «Evolução», de domingo último, vindo com imparcialidade, terá ocasião de vêr o fraziado proprio de quem os publica, e que só mulheres da mais infima esfera e de soalheiro fazem uz. Não se defendem com verdades, quando aqui os desmascarámos; ficam-se em silencio no que lhes convém, só carregando no pobre, e defendendo aqueles que tanto tem explorado este. Quiz alguém arvorar-se em «vigia», e afinal nada vê; fazem-se muito honestos, lembrando o passado dos mais, esquecendo o deles, pois até ha dias chegam ao cúmulo de um sujeito qualquer (nem a propria lama é tão suja) pôr na obra da qual alguém o arvorou em mestre, os escudos que só a alguém da familia do mesmo póde pertencer. Enfim, tudo «vigiam», mas é só por ódios políticos, rancorosos e maus, e até por último se atiram ao director deste jornal, arvorando-se em defensores dum dos mais illustres espanhoes que residem nesta vila. D. Romão, generoso ao último extremo (pouco lhe faltando para ser rápoza) porque é que ha dias se recusava a vender dois e meio, meio litro, ou mesmo um litro d'azeite; e vende 2, 4 ou 8 decilitros a cada freguez? Sim, isto não é preciso ir a Coimbra para se compreender, é porque sendo vendido assim sai á razão de 75 centavos, e não por 72 conforme a tabela cá da terra indica.

Não queremos saber dos negocios seja de quem fôr, nesta situação dezembrista, e porcamente sidonica, favoravel ao grande comercio, e desgraçada para a pequeno; todos fazem o que podem; porêm, o que não admitimos é que o vigilante da «Evolução», só tenha ólhos para coisas pequenas,

e não veja as grandes. E' tão esperto e nem sequer, ao menos, repara o que constantemente está saindo d'esta vila para fóra, e que amanhã nos fará muita falta!

Falando com a imparcialidade que nos prezámos de ter, acusando ou defendendo, preto ou branco, bonito ou feio, rico ou pobre, vamos aqui mostrar publicamente alguns casos que temos presenciado aos quais não pudemos regatiar os nossos aplausos.

Ha dias a policia que se encontra n'esta vila, uzou d'um procedimento imparcial, justo e honrado para a sua farda, continuando assim não lhe pudemos regatiar os nossos elogios.

Quando ha dias tanto na ponte dos Vapores Lisbonenses, como no Cais das Faluas, os Srs. Santos Jorge, Candido Ventura, José Mendes, Antonio Bisca, José Antonio da Silva e Emilio Candeias, tentavam levar para Lisboa umas sacas com batata e uma com feijão do sr. Candeias, a policia, em vista de não lhe ser apresentada a respectiva guia de livre trãnzito, não consentiu a saída e ordenou que tudo isto fôsse parar ao Celeiro Municipal, á excepção da batata do sr. Santos Jorge que eram 8 sacas, mas o condutor apresentava guia de livre trãnzito para 3, hindo portanto para o Celeiro 5 que vinham para passar sem guia. E' pena que o ultimo decreto de Sua Magestade D. Sidonico não tivesse vindo ha mais tempo, (n'este sentido, já se vê) porque sempre queríamos vêr quem assumia a responsabilidade da entrega ao sr. Santos Jorge da batata que a este senhor fôra apreendida pela policia, e as quaes já ha dias, como outras mais se encontravam no Celeiro Municipal, e só agora aparece a guia de livre trãnzito, a titulo de esquecimento na ocasião em que a batata foi apreendida. Convem também que se saiba que a guia apresentada das trez sacas que seguiram, não éra passada pelo régedor d'esta freguezia como a lei indica mas sim pela Comissão d'abastecimentos de Lisboa; portanto o vigilante que veja, e o público que faça os comentarios que entender. Então não é isto fita?

A lei, segundo nos consta, diz que immediatamente devem ser enviados ao tribunal os que tentem levar batata, milho, trigo, etc., etc., para fóra do concelho. Ora se a policia assim tivesse feito, quem assumia agora a responsabilidade da entrega d'essas batatas, visto que a guia das mesmas não foi apresentada ao guarda na ocasião em que a mesma foi apreendida? O que é certo é que as leis dezembristas são rigorosas para uns e chejas de benevolencias para outros. E' pena que já seja um pouco tarde, de contrario também algumas (para não dizer muitas sacas com batata) do sr. Izidoro, illustre Presidente da Comissão Administrativa, teriam que ir parar ao Celeiro Municipal, e então isso é que daria vontade de rir. Era natural que também á ultima hora viesse alguma guia de livre trãnzito porque n'esta republica... Sidonica, os seus correligionarios tudo fazem sem que ninguém lhes possa pedir contas. E' verdade, já nos iamos esquecendo. Mas ainda estamos a tempo. Faz nos obsequio, diz-nos se sabe aonde se estava vendendo azeite por preço superior ao da tabela, e quando alguém fez vêr a essa senhora que isso se não podia fazer, esta respondeu que éra com ordem do sr. Izidoro? Se isto é verdade, o que é que nos responde? Então você, Sr. Vigilante, seu grande maganão, sobre tabelas para as carnes de porco nada diz não é verdade?

Desconfiamos que você também quer dar algum passeio de Automovel, ou então n'algum trem puxado a grande parrelha. Sim, porque ôje, presentemente, a vida é esta: enquanto uns gozam, locupletando-se com lucros fabulosos, o pobre sofre miserias, trabalha e luta com muitas dificuldades para arranjar o pão negro da vida.

Já-kini.